

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 122

Preço avulso 1 Escudo

12 Páginas

O DOMINGO

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



O publico dançando a quadrilha no Rossio

EN AVANT QUATRE!!

Foram postas em execução novas posturas de transito no Rossio, das quais discordamos inteiramente por acha-las incomodas para o publico e desnecessarias para o pouco movimento que quasi todo o dia tem aquela grande e espaçosa Praça.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

crónica da semana

ALTO! PODE SEGUIR!

Um amigo meu convidou-me há dias para ir ver a nova regulamentação do transito no Rossio. Como não tinha nada que fazer, fui. Outras pessoas que também não tinham nada que fazer resolveram ir.

E juntamo-nos todos no Rossio—para ver o transito.

O transito era o sr. Ferreira do Amaral, á porta da sucursal do «Seculo», rodeado por meia duzia de amigos, a contar o que tinha visto em Madrid.

Havia tambem uma duzia de policiaes que faziam sinais cabalísticos com um «casco-tête» branco e meia duzia de pessoas que aguardavam o sinal—para ir ver a estatua de D. Pedro. Estes eram os transeuntes.

Eu, o meu amigo e as outras pessoas que foram para o Rossio porque não tinham nada que fazer puzemo-nos a ver o transito.

O transito era um espectáculo moderno oferecido á população de Lisboa por pouco dinheiro. Para cada pessoa que transitava havia pelo menos dez espectadores que não tinham vontade nenhuma de transitar.

Eu confesso que era um deles. E quando o meu amigo me convidou para ir ver a estatua de D. Pedro respondi-lhe:

—Não vou... Não quero ser transeunte na minha terra... Deixa isso para os outros. Eu vi para o Rossio para conversar, não vim para transitar.

E a verdade é que succede isto com a maior parte da gente que vai para o Rossio. Lisboa é uma grande cidade de desempregados e de funcionarios publicos. São em gera pessoas que não sentem a necessidade de transitar, porque não trabalham. Só quem trabalha é que precisa de andar. Os outros estão parados.

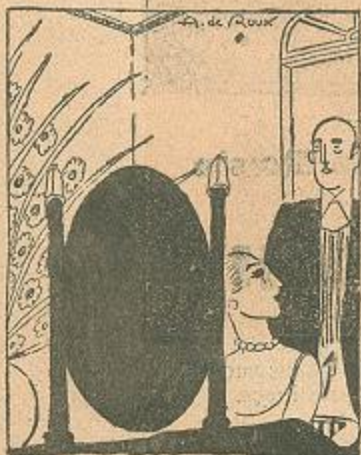
A esquina é uma substituição nacional. Em vez das sete setes quinas, a nossa bandeira devia ter as sete esquinas. Era mais apropriado á indole da raça. Mas o leitor, que foi a Paris, perguntará se eu não concordo com a ideia de regular o transito na cidade. Não havia de concordar?! Concordo, sim senhor. Acho uma ideia excelente, moderna, arejada. Simplesmente, acho tambem que o lisboeta não tem vocação nenhuma para transeunte. E qualquer dia havemos de ver no Rossio uma sepultura com este epitáfio encimado por um «casco-tête»: «Sic transit gloria mundi».

O que quero dizer, na tradução literal do amigo Banana:

«Assim se regula o transito nas maiores cidades do mundo».

NORBERTO LOPES

A ELEGANTE EXIGENTE



—Jade, vel o perfumista e diz-lhe que esta agua de colonia tem muito mais agua do que a concisa!...

Má Língua

MOSAICO

RUA DA PALMA

AINDA AS BOTICAS

Ha bem trezentos annos que se falla, como de sobria, altissima medida, em dar fóros modernos de avenida a esta rua onde o aperto nos entála.

Ha bem sessenta lustros se regála a vista do alfacinha, enternecida, na previsão da arteria dirigida sobre o Rocío:—porta para a salla.

Contando com o vil relaxação que era um dos grandes males da Nação, a gente que lá estava... ficou cala.

E agora grita, em trágicos arroubos, com médo que esta Câmara... de «lobos» ás que antes governaram leve a Palma.

CONFERENCIA DE GENEVRA

Quando uns poucos de estados sem vintém gastam dinheiro a rôdos na jornada de incultos filhos de João Ninguem, e os mandam a uma terra designada,

cada um gasta aquillo que não tem; e essa reunião assim formada, —unicamente para soar bem— Conferencia Economica é chamada.

Lá estão agora a pandegar na Suissa. Cada um a proclamar sua justiça em magna e somnolenta aggreção.

Em cada reunião que se celebra, por não gostar dos gostos de Genevra a Russia tenta armar um carrascão.

Parada de Conta—Maio-1927.

E vai seguindo, num delirio ovante accesa a lucta, cada vez mais viva, por causa de a tenção governativa prejudicar, parece, o Ajudante.

E' já uma questão radio-activa, sódica, fluorotada... e irritante. Acabem co'a Guerrilha do Pargante, pois está-se a tornar enjoativa!

A mam em Papas, pontificam, berram, affirmam que são parias, que não erram, —é quasi um desvario paranoico.

Pense sempre o governo, em quanto faça, que o que não fôr com papas de linhoça vai certamente... com remédio heroico.

OS SIGNALEIROS

Quem anda pelas ruas da cidade, quem anda... por seu pé, não tendo á mão para andar com maior comodidade, automovel, tricicle, ou caminhã,

dava já tanta volta sem vontade, submisso a tão constante rotação, que o Dicionario, servo da verdade, sem desprimor, chamava-lhe— Peão.

A policia, peor que o Dicionario, porque tem um poder discrecionario que a todos tyranniza e incommeda,

planta agora na rua uns figurões que oggravam o destino dos pões pondo-lhes a cabeça a andar á rôda.

TAÇO

questão prévia

HA em Lisboa dois pedões que nos avisam de que o verão e o inverno vão fazer a sua entrada: é o pregão lirico dos morangos e o pregão dolente dos marmelos assados.

Nas tardes brumosas do outono, quando as ruas começam a pontilhar-se de luzes, que fazem brilhar os pavimentos humididos das primeiras chuvadas, nos bairros pobres acorda o pregão cantado e lento: «Ricos e bons marmelos... assados no forno!»

Rua abaixo, como uma estrela que fôrse rolando e arrefecendo na lama, uma luzinha de côto, dentro da lanterna de papel, vai bruxuleando, aos solavancos da giga, que por cada azo um homem e uma mulher susseem a tres pilmos da calçada. Na encruzilhada das ruas, detem-se o grupo confuso, que a luz da lanterna improvisada mais esboça que contorna. Pensada a giga, o homem ergue a cabeça para as janelas cerradas, atravez das quais a luz denuncia um principiar de jantares, em que já apetece a sardinha bem quente, e ampara á mão a face barbuda e o seu pregão vibrante vára o ar denso de humidade: «Ricos e bons marmelos... assados no forno.»

E mal se extinguem os ecos da voz do ven-

dilhão, sobe na bruma a voz da mulhe, modulando o seu cantado pregão: «Boas e são gamboss... assadas no forno!»

E' o inverno, meus amigos, o inverno que se aproxima, com os seus frios, os seus deluxos, os sinapismos, o chá de borragem. Este pregão precíz na sua melancolia toda a melancolia da estação em que a seiva nas arvores e os bichos nas tocas adormecem para um longo sono de três meses.

Depois, quando a penugem verde clara da primavera se afirma no lanceolado siroso das folhas, os primeiros morangos aparecem, prometendo e anunciando melhores dias. São, de entrada, ainda os frutos anemicos, como crianças do Dispensario. Nas tófas camas de fetos, a sua palidez não os faz apetecidos e toda a sua vida exangue se resume no atoma com que perfumam o ar.

Expõem-nos por traz das vitrines, rodeiam-lhes de carnhosos cuidados a polva delicada, que a mais leve pressão poderá esmagar e pedem por eles quasi o peso em ouro. Mas á medida que a primavera avança e que o verão se avizinha, os morangos ganham em côr o que perdem em preço. São vermelhos e tumidos, como grossos coraçõesinhos siro-

ECOS

A alegria da França

O «Oiseau blanc» não morreu. Na nossa ultima pagina, feita no momento em que o mundo inteiro chorava a perda de dois azes que eram uma gloria da humanidade, chamavamos a «tragedia de França» á sua desaparição. Com que alegria erramos hoje. A França respira, e, com ela, o mundo todo dorme melhor esta noite, sabendo que a ossatura tremula do grande passaro francês cruzou os ares, deixando para traz, no rodar das nebulosas, a imensidade de dois continentes.

Sic «transito» gloria mundi.

O grande acontecimento, á falta de melhor é o transito—nas ruas intransitaveis de Lisboa.

De vez em quando há umas pessoas encarregues de nos transformarem em grandes problemas coisas em que ninguem pensava.

Sucedeu assim á questão do inquilinato. Um belo dia começaram a chamar-lhe problema grave, fizeram varias leis, e pronto, ficou um beco sem saída. Se as rendas das casas tivessem lentamente acompanhado, como tudo, a vida, se não deixaria de construir e hoje haveria casas como sempre houve.

Como transito é o mesmo. A força de o regular acabam com ele. Que o digam os desgraçados lojistas do Rossio...

«O macaco ilustrado»...

Custou, mas afinal parece que sempre surgirá!

Nós mesmo estavam admirados! Pois era lá possivel que o «Domingo» fosse para o seu 3º ano e ainda não tivesse surgido um imitador, um macaqueador, um pastichador das iniciativas dos outros, um falido de ideias, um chupador de beatas abandonadas?! Não, ele havia de surgir!

Amarelo, triste, com pésinhos de lã, aproveitando o régo feito, havia de anichar-se, como um parasita silencioso que suga tranquilamente o esforço dos outros.

O publico, porem, que instintivamente separa o «trigo do joio», perceberá que a reles imitação do nosso jornal que se pretende fazer sair não merece sequer o reclame destas linhas...

ros. Perdida a palidez doente e aristocrata, substituída por côres sadias e populares, os morangos descem á rua, já tentadores para a vista e para a bolsa. E' então que, nas tardes de sol, o pregão lirico dos morangos desperta as ruas amadornadas nas primeiras calmas do verão: «Merc'ó... cabaz de morangos!»

Se eu soubesse alinhar três semifunzas e duas coicheias, estas vozes da rua tentavam-me a fazer um poema sinfonico, interpretando em som o verão e o inverno da cidade, que afinal tambem tem os seus encantos, desde que a gente os saiba sentir.



EXCEPÇÃO



—D' sculpture-me, mas parece-se tanto com o meu amigo que ninguem deixa de se confundir!
—Ninguem, não! Eu não confundo.

HUMORISMO

CRONICA ALEGRE

A batalha de flores á mão
desarmada

FORÇADO a subir a Avenida num electrico, involuntariamente assisti, no domingo passado, á tremenda batalha sem flores que ali teve lugar.

Apesar do esplendido sol e de estarmos num jardim á beira mar plantado, a desanimação era completa e as flores fizeram-se notar por uma ausencia tambem quasi completa.

Milhares de pessoas se reuniram, numerosas forças se puzeram em movimento e quilometros de arame se desenrolaram, para vêr e para dirigir o curso de meia duzia de automoveis disfarçados de galeras, alguns trens preistoricos, varios taxímetros ao natural, um automovel pespontado a branco, um quiosque ambulante com odaliscas de trazer por casa, algumas amazonas, 2 carros de bois, 3 side-cars e um camelo.

Para se fazer ideia do brilhantismo da festa, basta imaginar o efeito que produziram todos estes automoveis e todos estes semoventes, descendo e subindo a Avenida em religioso silencio e em passo de procissão e mantendo os parceiros que os recheavam o ar das visitas de pezames ou a resignação soturna e triste de quem acompanha á força um funeral.

Nem sequer aquele ruído intenso e constante das buzinas dos taxis que nos outros dias por ali cicula febrilmente. Como andavam todos em passo de procissão, nem tal som, infelizmente, se fazia ouvir. Quanto a ruidos apenas se notava o de um aeroplano que, para distrair os peões e para que eles não reparassem no fiasco, se esfalfou durante toda a tarde, no duro encargo de conseguir que toda a multidão se mantivesse de nariz no ar.

INVERSÃO



— Já não tens aquella dactilographa a quem ditas a correspondência?
— Quasi com elle; agora ella é quem dita e eu que marcho na maquina...

De resto, devo dizer que pela abundancia de guardas republicanos a pé e a cavallo, vedações de arame e forças de policia, mais parecia esperar-se uma verdadeira batalha, daquelas em que somos peritos, não de flores, mas de frutos, de ameixas e laranjas com



recheio de prego e dinamite, que entre nós tanto caíram no paladar e no agrado das multidões.

Completava esta impressão a enorme quantidade de canhões de todos os calibres, que veem sempre assistir a tais festas domingueiras.

Mas, apesar da participação de tão numerosos contingentes, não chegou a haver batalha e a desanimação era completa. Nem uma simples escaramuça.

Vi apenas um conflito isolado, perto dum coreto, entre dois caixeiros que por qualquer questão de saias saíram á estacada, travando um duelo de sopapo, em que decerto pretendiam reciprocamente exhibir as varias qualidades de bolacha que possuíam nos respectivos estabelecimentos.

Mais adiante vi tambem um pobre peão a girar sobre si mesmo, agarrado a uma perna. Tinha visto as estrelas com a patada dum cavallo da guarda republicana, que num inesperado entusiasmo ou talvez num assomo de impaciencia começou a fazer cavalarias altas, deitando abaixo varios parceiros.

Um deles, agarrado a um pé, gritava que lhe tinha ficado cravado num calcanhar um cravo de ferradura.

Parece-me que foi tambem a unica flôr arremessada na batalha.

Fóra disto um completo sossego, uma absoluta calma, uma desusada tranquillidade.

A paz era tal, que o camelo que pacatamente andou fazendo a Avenida pela mão dum garboso beduíno correctamente trajado de sarapilheira, ao notar aquella animação, só comparavel á do deserto e á abundancia de areia

que todos possuímos, tinha o ar prazenteiro e feliz de quem se sente perfeitamente á vontade no seu ambiente natural.

Só de vez em quando fixava o olhar na multidão, admirado por certo de encontrar por ali tantos colegas.

Em certa altura notei mesmo que parava e abanava a cabeça, no ar de quem murmura:

— «E estão estes tipos uma tarde inteira aqui, aos encontrões, para ver isto. E depois é a mim que eles, afinal, chamam camelo!»

Aqui para nós devemos concordar que o animal tinha razão.

De resto, eu esperava já um tal fiasco e uma tal desanimação. Quem se lembra de fazer entre nós uma batalha de flores não conhece o temperamento do nosso povo.

Incapaz desse requinte de se divertir lançando coisas delicadas, atirando flores, petalás, coisas simples e frageis, ele nunca poderá tomar parte ou entusiasmar-se em tais torneios.

Ponham-no a atirar pedras e então, sim, verão o entusiasmo que adquire.

Nisto de batalhas entre nós, só é possível faze-las a serio. Não com flores e com foguetes, mas com bombas e granadas.

Raça de guerreiros, o nosso elemento natural é o chinfrim.

As nossas proprias festas, ainda as mais simples, para nada prestam se não meterem numerozinhos de foguetorio e grande abundancia daqueles retumbantes morteiros, valentes, de encher o ouvido.

Os restos de sangue arabe que ainda nos correm nas veias não nos permitem uma festa sem polvora, sem barulho.

Por isso uma batalha de flores é



sempre uma tristeza, um lamentavel desastre.

Só com flores não poderemos nunca fazer nada.

Isto é, só com flores havia apenas

uma solução. Foi pena não ocorrer. Tinha reaberto por algumas horas o palacio de S. Bento e então, sim, com o concurso de alguns dos antigos parlamentares, podiam ao menos ter levado a efeito uma renhida, uma agitada batalha de flores... de retórica, em que tambem somos peritos.

AUGUSTO CUNHA



«MORRENDO...» — poemas de Amélia de Guimarães Vilar.

Porque chamar «poemas» a uma colecção de sonetos? Deve ser equívoco.

O titulo já indica a feição plangente desta poesia toda elegaca, mesmo quando apresenta certos desmaiados laivos de sensualismo.

Destaco os sonetos «Escrever», «Primavera» e «As tuas mãos», este último com um fecho gracioso e original.

*Costo de vê-las apertar as minhas,
Como se fossem duas andorinhas
A debitar duas camélias brancas!*...

Tenho a impressão de que a Senhora D. Amélia de Guimarães Vilar é uma poetisa sincera, das que só não sobem demasiado alto por não terem motivos de inspiração pessoais, capazes de as exaltar. Se o seu lirismo fosse descritivo, poderia entusiasmar-se com aspectos deslumbrantes da natureza. Tratando-se porem, dum lirismo exclusivamente subjectivo, julgo que só os accidentes sentimentais de ordem individual conseguirão fazê-lo vibrar. O futuro literário desta poetisa depende, portanto, do seu futuro pessoal. A última palavra sobre o seu valor pertence a Deus... O Futuro a Deus pertence...!

«A FOCA DE CENA» — monologos e aneddotas — por Pedro Bandeira.

Dentro do género leve, que é o monólogo ou a cançoneta, o sr. Pedro Bandeira é um mestre, no dizer dos conhecedores e apreciadores. Este seu livro de aneddotas em verso e de poesias humorísticas deve, portanto, conquistar o pleno agrado do público folgassão a que se destina.

Teresa LEITÃO de BARKOS

COM JUDIDADE



— O medico recomendou-me gymnastica sacca todas as manhãs...
— É isso??
— Aquella é tão maçador que dei esse encargo ao meu criado...

Curiosidades

A MULHER MAIS FORTE
DO MUNDO

Parece que é Miss Kellie Sandwine, londrina, de vinte e quatro anos, educada nos desportos gymnásticos desde a mais tenra idade. Possui tão formidável musculatura que, sem o menor esforço, quebra correntes das que servem para amarrar os barcos, dobra barras de ferro e faz jogos malabares com balas de canhão, pesando cada uma 50 quilos! Pode com o péso, sobre o peito, dum «camion» com doze homens! A imprensa londrina tem divulgado estas habilidades. Nós vendemo-las pelo mesmo preço que nos custaram...

OS CESTINHOS MÁGICOS

Uma expedição científica organizada pela Universidade de Harvard (Estados Unidos) visitou a ilha de Borneo, a maior das grandes ilhas do arquipélago de Sonda.

Entre os objectos trazidos de Borneo figuravam uns cestinhos de forma cilíndrica, de júnco artisticamente tecido, oferecidos por uns feiticeiros aos professores universitários, os quais foram depositados no Museu Etnográfico de Boston. Certo dia, um dos empregados observou que os cestinhos estavam animados dum movimento pendular, de pequenissima oscilação. Apurado que as correntes de ar não eram responsáveis pelo fenómeno, que foi atentamente estudado e se produziu sem interrupção desde o mês de Outubro a fins de Março, data em que, por motivos sempre misteriosos, se imobilizaram, os estranhos cestinhos foram, durante seis meses, a grande preocupação da cidade de Boston.

«SAVEZ-VOUS PLANTER
DES CHOUX?»

O título da canção está agora na ordem do dia, graças á curiosa descoberta do Padre Bacile: a invenção duma máquina de plantar couves. Todos compreenderão a dificuldade que encerra a solução dum semelhante problema de mecânica: realizar, com o auxílio duma máquina, todas as operações demoradas, delicadas e difíceis do trabalho de plantação manual. No entanto, o problema parece estar definitivamente resolvido, tendo-se procedido, em Montaigu, a várias experiências, que deram os melhores resultados.



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICAÇÃO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

Cosulich Line

Presidente Wilson

esperado a 7 de Junho

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª

CAES DO SODRÉ, 64, 1.º

LISBOA

Teléf.: C. 3801 3602 e 3603

os martires da
Guiné

NA Guiné Francesa, em Kindia, existe há pouco mais de um ano um Instituto destinado á criação de macacos, e sobretudo de chimpanzês, necessários para o estudo de certas doenças que são um flagelo dos homens.

Como repugne á actual mentalidade dos homens civilizados o aproveitar os nossos semelhantes como instrumentos de experiências, necessário foi recorrer aos animais cuja fisiologia mais se assemelha á fisiologia humana. Daí a utilidade de ter «á mão de semear» alguns bons exemplares de macacos antropoides.

Muitas doenças—como sarampo, a escarlatina, a gripe, a febre amarela, são transmissíveis aos macacos e só a eles; os chimpanzês parece que são mesmo capazes de receber todas as doenças microbianas que atacam o homem. Por isto se calcula o inestimável papel que os macacos representam, como material de experiências.

Algumas pesquisas científicas—principalmente as da vacina preventiva contra a tuberculose—teem exigido, porem, o emprêgo de inúmeros animais que precisam estar isolados e subtraídos ás causas de doença accidental ou de morte, muito frequentes quando o animal é conduzido para longe do seu país de origem. Foi esta série de considerações que levou á fundação do Instituto Pasteur de Kindia, que tem por missão capturar e cuidar de certo número de macacos e principalmente de chimpanzês, o único dos quatro grandes antropoides (os outros são o orangotango, o gibão e o gorila), cuja captura, nas regiões subtropicais da Guiné, é relativamente fácil.

Durante a organização do Instituto de Kindia, a princesa Georges da Grécia ofereceu ao Instituto Pasteur de Paris a quantia necessária—várias centenas de milhares de francos—para organizar, na rua Dutot, um estabelecimento para criação e alojamento de chimpanzês destinados principalmente aos estudos sobre o cancro.

Estes dois estabelecimentos, o de Kindia e o de Paris, estão agora em plena actividade. O primeiro é dirigido pelo Dr. Wilbert, que á causa da sciência sacrificou o seu bem-estar, habitando em tão inhospita região.

Kindia fica na linha de Konakry ao Niger, a 160 quilómetros da costa; tem uma população de 250 europeus e 4.000 indígenas, sendo um grande centro de produção de bananas. O Instituto fica a 4 quilómetros da pequena cidade, no meio duma concessão de 36 hectares, chamada Pastoria. Dêsses hectares, 16 já estão cultivados, para sustento do pessoal e dos macacos. Bananas, ananazes, arroz, leite, biscoitos, chá e ovos são o principal alimento dos chimpanzês.

O Instituto tem um jardim, agua, electricidade, e é rodeado por alguns quilómetros de boas estradas. Tem touros, bois, vacas e vitelos, além de coelhos e cobaias, para experiências.

A caça ao chimpanzé é perigosa, apesar dèste não atingir a estatura nem a musculatura do gorila. No entanto, possui tanta força e tal agilidade, que são precisos dois ou três homens para o segurarem. Os indígenas adoptam na caça o seguinte processo: deitam abaixo as arvores que rodeiam aquela onde o chimpanzé se refugiou, e em seguida cortam o ramo onde elle está; depois, em círculo, esperam a queda do animal, que logo manietam, com pauladas ou picando-o; ás vezes, estendem-lhe uma rede, para o segurarem; outras, atacam-lhe cães. Esta bárbara caçada produz muitas vezes a morte do animal, apesar do indígena preferir capturá-lo vivo e são, pois assim facilmente se vende, por uma quantia importante, oscilando entre 6.000 e 10.000 francos na Europa, e 250 francos na Guiné.

Actualmente, estuda-se a maneira de capturar vivo o chimpanzé, arremessando-lhe uns projecteis impregnados de alcohol, que o adormece. Um médico russo vai empregar flechas envenenadas com veneno de serpentes; o animal ferido cairá num estado de prostração que torna fácil a sua captura, feita a qual se apressarão a curá-lo, injectando-lhe o soro anti-venenoso de Calmette, que o Instituto Pasteur espalha por todo o mundo.

Em Pastoria, os macacos são «principescamente» tratados, o que não parece fazer a sua felicidade. Alguns chimpanzês passeiam nos jardins pela mão das enfermeiras indígenas, a quem se afeiçoam, dando sempre provas de muita intelligência.

As principais experiências feitas em Pastoria teem sido as respeitantes á vacina contra a tuberculose. Encerram-se macacos vacinados numa jaula, juntos com os outros infectados, e com outros (chamados *testemunhas*) que não receberam nem vacina nem o virus da doença. Os resultados teem sido muito satisfatórios.

No Instituto da rua Dutot, em Paris, os chimpanzês teem servido principalmente para estudos sobre a paralisia infantil, a encefalite letargica e o cancro, a terrível doença sobre cujas causas e microbiologia nada se sabe ainda.

Os chimpanzês são, portanto, uns preciosos auxiliares da Sciência e a humanidade ficará devendo ao seu martírio algumas probabilidades de vitória na tremenda luta contra as doenças que mais a martirizam.

O HOMEM MAIS FEIO
DO MUNDO

E', incontestavelmente, o chinês Sun-Li-Tré, natural de Pequim, com vinte e três anos de idade. Anda agora exibindo-se pelos circos da América do Norte, e os seus emprezários chamam-lhe «o homem-cabaça», por elle ter a cabeça exactamente do feito duma cabaça. Quando nasceu, era absolutamente normal; mas, no principio da adolescência, começou a «acabaçar-se» rapidamente e a perder a regularidade des suas linhas fisionómicas. O facto de bater o *record* mundial da fealdade valeu-lhe, porém, um contracto de 200.000 dollars, qualquer cousa como quatro mil contos...! Mais uma vez pode dizer-se que «*à quelque chose, malheur est bon*». Se bem que nenhum de nós queria tal fortuna, a trôco de tal preço.

UMA PROFECIA CURIOSA

Sabe-se que Edison é geralmente considerado como o inventor do fonografo, apesar de só ter tirado a patente da sua invenção no dia 19 de Dezembro de 1877, ao passo que Charles Cros depositara na Academia das Sciências de Paris, oito meses antes, um sobrescrito fechado, que só foi aberto no dia 3 de Dezembro do mesmo ano e que continha a descrição exacta e minuciosa do aparelho maravilhoso. Mas o que pouca gente sabe é o seguinte: Num parágrafo duma obra intitulada «*L'Autre Monde ou Histoire Comique des Etats et Empires de la Lune*», de que é autor Cyrano de Bergerac (o heroi da peça de Rostand) e que foi escrita na primeira metade do século XVII, lê-se, textualmente, o seguinte: «Ao abrir a caixa, encontrei qualquer cousa de metal quasi semelhante aos nossos relógios, cheia de não sei que pequenas molas e máquinhas imperceptíveis. Na verdade, é um Livro; mas é um Livro milagroso, que nem tem folhas nem caracteres; enfim, é um Livro onde, para aprender, os olhos são inúteis; só são precisos os ouvidos. Quando, portanto, alguém deseja ler, retesa toda a quantidade de pequeninas molas que tem a máquina; depois, faz girar a agulha sobre o capitulo que deseja escutar e, ao mesmo tempo, dali saem, como da boca dum homem ou dum instrumento de música, todos os sons distintos e diferentes que servem, entre os Grandes Lunares, para a expressão da linguagem...»

A. CRUZ L.ª

R. DA MADALENA, 29, 2.º—LISBOA

Telefone C. 1143

Armazem de productos quimicos e especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras

GASES E ALGODÕES

ARTIGOS DE BORRACHA E UTENSILIOS PARA LABORATORIOS E CIRURGIA

Fornecimentos completos para

Farmacias e Hospitais

Importação directa

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RÓCIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

O DOMINGO
Ilustrado

TEATROS

CARTAS DUM COMEDIANTE

O THEATRO, TENTACÃO IRRESISTIVEL... — O NOVO ELDORADO

ANTES, o teatro era o refugio dos viuvos inconsolaveis e das jovens divorciadas. Rapariga romantica e irrequeita cujo casamento fosse contrariado pelos pais, vinha para o teatro. Da mesma forma que os «sem profissao», os potentados da Mandruice julgavam que o teatro era modo de vida agradavel, de largos proventos e com as vantagens da celebridade.

A classe dos artistas foi-se irritando aos poucos com a inassao, e o poz barreiras aos aventureiros.

— Mas ja não era preciso...
O teatro deixou de ser o Eldorado dos «profissionais da nenhuma profissao».

Hoje é o Cinema. Não há menina anemica e esgalgada que se não reveja no «ecran», assistindo a um filme do Greta Garbo.

O Cinema está a ser a miragem radiosa dos que vão falhando nas suas profissões.

Carpentier era «campeão» de «box». Foi á America, bateu-se com Dempsey... Foi derrotado. Entrou para o Cinema.

O celebre baixo Challapine está fatigado... Abandonou a Opera. Recolhe ao Cinema. Pelo menos, é o que se depreende de uma local da «Comedia» de 11 do corrente.

O empresario americano Morris Gest, actualmente em Paris, acaba de contratar Challapine para representar a Russia num grande filme internacional em que devem figurar artistas de todos os paises.

Herriot ficou até de indicar a Morris Gest qual o actor que representará a Franca.

— Mas isto não vem para o caso.
O que importa aos artistas dramaticos é saber que o teatro já não exerce a tentação irresistivel de outros tempos.

O Cinema é que está a acolher os evadidos de todas as profissões, e até os que não tem nenhum a.

CARLOS ABREU

O VOSSO RETRATO

Procurai sempre um bom fotografo. A Foto America melhor do que qualquer outra vos pode servir. R. Registo Civil, 6-1.º e 6-A, loja. Telefone 3029 Norte.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industrialistas mais categorizados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a torná-la a preferida do publico.

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pai dos cinemas lisboetas. Últimos filmes, sempre variados e para todos os paladares do publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Amplíssima e elegante sala.

S. Luiz

A unica grande companhia de opereta portuguesa, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scène» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Auzenda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e o barítono brasileiro Silvio Vieira, que tanto não já alcançou. A maior sala de espectáculos de Portugal. Bairro Alto soberba montagem.

Politeama

A mais bela sala de espectáculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Nascimento Fernandes Rafael Marques e Conchita Ulla, grande estrela de «variétés».

Actualmente, a opereta sem musica, cheia de verve: «O tarco do Kathariza».

Trindade

A mais linda sala de espectáculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuímos. A grande Lucia, com Erice, Almeida, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais difficil repertorio internacional.

Actualmente: Companhia Esperanza Iris.

Avenida

Companhia Sáfanel. Amarante. A companhia mais simpatica ao publico. Além de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luisa Sáfanel, uma notavel actriz que reune o encanto duma mocidade fresca ao «tic» parisiense do seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «O Bom Ladrão».

Apolo

Encerrado temporariamente.

Eden

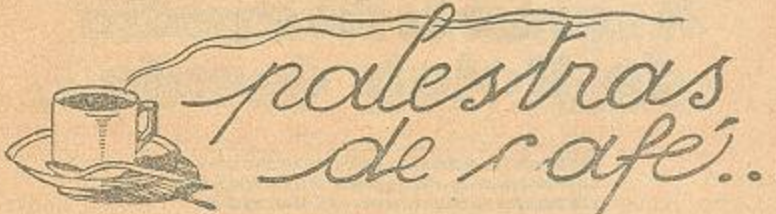
Brevemente companhia Almeida Cruz com a revista «Cosido á portuguez».

Variedades

Companhia Maris Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e drama. Exitos, «tornaes» triumphais a attestarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer. Actualmente «Sagrada familia».

Salão Foz

A revista «Secretario dos Amantes» com o quadro novo de grande successo «Triste Fado» desempenhado por Hortense Luz e Adalina Fernandes.



Legendas

A melhor teoria de teatro é aquela que se sujeita a uma expressão de beleza desconhecida.

O teatro não tem principios incontestaveis de beleza. Desagrega-se continuamente. Quando acaba é quando principia.

A verdade não vem dos criticos da maioria. A multidão em arte não dirige, é dirigida—se quere um dia dirigir. Chama-se isto ser ensinado para ensinar.

Hoje vale mais a *mise en-scène* que o texto. O autor evoca a natureza; outro, que não ele, cria e exalta-a, servindo-se de obra escrita como material indispensavel, mas não total. Ha nisto uma distancia: a que vai do homem ao Universo.

O cinema é a grande força do mundo. Num seculo de acção, como o nosso, ele é a dinamica. Quando o teatro conseguir a vertigem do *ecran*, destruir os quatro muros, os quatro actos, e as 36 scenas, poderá combater o animatografo. Este esboça ainda a sua infancia, mas já promete ser o David, de Miguel Angelo.

Não tenham receios os dramaturgos portugueses: não ha força que se possa reprimir, quando é expontanea e forte. O mar tem um destino, a terra outro, o vento outro. Quem os domina? Todos os autores franceses, os maiores, Porto-Riche, Courteline, Bataille começaram com um insucesso. Foi o seu primeiro triunfo, antes da gloria...

Não é preciso combater as companhias estrangeiras. Quando entraram em Portugal Sarah Bernhardt, Guitry, Novelli, Zaccagni, Le Bargi, Vitaliani—o nosso teatro era tão belo e tão forte que as criações dos nossos autores excediam as dos estrangeiros. Quere isto dizer que não é só uma lingua que serve a beleza, mas uma beleza que serve todas as linguas.

A critica não tem quadros de honra. Fica entre o publico—que a não compreende e os dramaturgos que a não aceitam.—Viva como viver, ha-de sempre ser odiada e maltratada. Assim mesmo se quere chegar ao fim.

A crise do teatro portuguez não é isolada. Em toda a parte a decadencia apresenta os seus produtos—mas são de origem. Os nossos—nem nossos são.

O publico adopta as peças conforme a sua anteligenca ou o seu sentimento. Quere isto dizer que nem os aplausos, nem as patiadas definem o valor eterno duma obra. Quando muito, o seu efemero.

ARTUR PORTELA

OPERA POPULAR

ca por dentro

A Companhia Ilda Stichini-Alexandre de Azevedo representou no S. João a peça—«Os Inimigos» com uma bela «presse».

Infelizmente o noticiarista do «lancero» destacou-se para dizer que a obra tinha «trucs» conhecidos. Ora a verdade é que o que precisamente falta á obra são «trucs». Seria interessante pelo menos que se soubesse donde conhece o noticiarista os «trucs» em questão, e em que obra os viu já.

A respeito da montagem da peça que toda a critica lisboeta e toda a portuense, apesar de ela ir incompleta, louvou, não fala o noticiarista. A s vezes é preferivel não dizer nada...

O teatro original portuguez não aparece. Não ha forma de surgir quem produza obra sentida dentro do nosso povo e para a cultura media da população que frequenta teatros.

Estavam Amarante, que é um grande actor popular, anda ha tempos a pôr em scena comedias francesas, que ele adapta o mais possivel ao nosso gosto.

Os nossos dramaturgos populares dormem tranquilamente sobre as traduções de exito seguro — justamente como certos amourosos que não gostam de correr o risco dos encargos de familia. Tudo em forma de sofisma

Contas

A Empresa Armando de Vasconcelos, diz-se, perdeu esta epoca coisa parecida com 150 contos, com as montagens de peças de grande espectáculo, como «Ragani», Orloff, etc. Está-se agora a refazer com o «Bairro Alto» tendo já de saldo positivo cerca de 120 contos.

Luiz Pereira perdeu 112 contos com a Companhia Ilda Stichini-Alexandre de Azevedo. Alves da Cunha agravou as suas finanças em quarenta contos.

Finalmente, parece que, apesar de tudo, Robles Monteiro foi o mais feliz, pois dão-se-lhe como livres de despesas cerca de 80 contos, fora os seus ganhos da actual temporada, que é brilhantissima, nas ilhas.

Carso dos Liceus

Continua aberta a matricula nas classes por explicações aos alunos dos liceus.

INSTITUTO COMERCIAL LISBONENSE

RUA NOVA DO ALMADA, 53

Maria Vitoria

A REVISTA

REVIRAVOLTA

Com o quadro novo

Ramiro Pinto & C.
146, R. AUGUSTA, 148
TELEF. C. 1646-LISBOA

CANDEIROS EM TODOS OS ESTILOS
BANHEIRAS, ESQUENTADORES E ARTIGOS SANITARIOS

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

UMA NOVELA SENTIMENTAL
COMPLETA

AQUELA hora clara, branca, tranquila, o sol caía a pino sobre os jardins dourados da velha mesquita de Seid-Heikó.

Sentia-se o coxar das rãs no grande tanque onde os azulejos policromos reflectiam no espelho quebrado das águas seus tons de faiança rica.

As velhas paredes amarelas do palácio arabe, caídas de oca fresca, eram o fundo do vasto pomar de laranjeiras cheias, como arvores de iluminura, expondo ao vôo terno dos rouxinóis seus pomos de ouro.

No pateo, á sombra, dormitavam dois esplendidos «Rolls Royce». Um, com o «capot» de aluminio, era o carro do Rajah. Tinha dentro, abandonada, uma pele de lontra e uma «raquette». O outro, claro, quasi branco, era o dos Marajahs. Tinha dentro alguns livros, uma lata de bolachas inglesas e um «chasseur» a dormir. O resto, silencio. Estava interdita a entrada ao publico desde a chegada dos soberanos.

Havia de quando em vez, a quebrar a sombra fresca do pateo, o passo apressado e discreto dum criado ou dum soldado da guarda, a cumprir um despacho.

Nas aleas desertas do labirinto e do jardim—esse quadro de Besuard eternamente florido—o sol punha manchas elípticas que oscilavam ao brando movimento dos arbustos.

Era depois do almoço. Duas figuras de branco, altas, muito iguais, duma flacida gordura e dum tom nédio de bonecas de porcelana, desceram as escadas. Vinham em silencio. Tinham o ar de duas colegiais tristes. Sentaram-se numa concha de buxo. Uma velou discretamente o peito, contra o sol, com uma écharpe clara. A outra, olhou em redor, tirou do seio uma microscópica cigarreira de ouro e acendeu um cigarro.

Eram as filhas europeias do Rajah. Subiam agora, dos terraços inferiores, algumas raparigas. Traziam nas mãos largos braços de tulipas fresquissimas e avencas suaves que vacilavam aos seus passos apressados.

Eram os melhores nomes de Samaryz. As filhas do Rajah não se ergueram. As raparigas avançaram, á vontade, despretenciosamente, num leve meneio de mesura de côrte. Uma, ardente, morena, afogando nas rosetas da face os olhos como dois grandes vidrilhos negros, beijou sofregamente a princeza Samba.

As flores foram todas para o banco junto das Infantas. Falou-se um pouco de tudo. Do «golf», das danças, do sermão do Pretor Maximo e da Guerra.

Uma das Infantas, tranquilamente fazia em «tricot» um capotinho para o seu «Pomerania»—e andou então, em volta, um murmúrio respeitoso de seis raparigas vivas, chilreando futilidades e adorando, mimando, lisonjeando—oh! a alma das velhas açafatas de côrte!—aquelas duas paradas e frias mulheres que sorriam o seu eterno sorriso palido e incolor dos «clichés» officiais do Oriente...

O Marajah vinha, passo incerto,

A suave tragedia
do Rajah doente

Página onde passa a vida melancolica e dourada dum Rajah deposto—do trono e da vida—aos 18 anos...

com o gordo Vizir — seu mestre, seu amigo de todos os instantes, seu professor, seu enfermeiro—Fumava um longo «puro». A sua palidez, fina, imberbe-glabra, onde os olhos — dum azul de olho de peixe — punham a nota baça de dois vidrilhos azuis — tinha um ar doente. Debalde o retocaram dum leve «brique» de saúde. De-



O Marajah e a indiana vestidos á europeia.

balde o «sport», os estimulantes e os agentes fisicos procuravam dar nervos e vigor á flacidez das suas carnes macias como borracha. Na aparente serenidade e quasi beleza da sua pele macia havia toda a tragedia dum corpo sem rumo, dum organismo sem directriz, desobedecendo ao instinto creador e fecundo que faz do homem a mais bela força da natureza...

As raparigas olharam o Marajah doente. Houve cerimoniaes saudações palacianas e uma envolvente cortezia nos cumprimentos protocolares.

O sorriso do Marajah era, nesse dia, particularmente triste, e com as olheiras fundas emoldurava a expressão indifferente do seu olhar bondoso.

Esse sorriso parecia frio como nunca, e postico, falso, maquinal como um acto involuntario.

Nesse dia todos os jornais da Europa falavam do caso. Era a renuncia official ao Trono de Samary. A incapaci-

cidade fisica do Marajah autenticada, flagrante, humilhante na sua miseria dourada, transmitida nos radios das agencias a todo o mundo.

Agora que o Principe de Galles, na sua viagem á India, esbelto, viril, sanguineo, com dezenas de cicatrizes de sport a esmaltarem-lhe gloriosamente o corpo — caçador de tigres na floresta, amante de filhas de Duques e de «cocottes» celebres — «footballer» «gentleman» arbitro de elegancias «fashionable» — estava precisamente a seu lado, no mais tragico contraste da victoria e da derrota. que a natureza dá — sem poupar os filhos dos pobres e os filhos dos Reis!

A morena, travessa, sensual, indiana, veio sentar-se ao pé.

Já os ciprestes do Labirinto se douravam ao sol da tarde, e o Principe das Kémalas, Senhor de Samay Kei-Lenito que usava na sua abotoadura os leões d'ouro vitoriosos de Kemaly, o Sanguinario, — tinha os olhos no chão.

Essa mulher plena de vida e esse rapaz meio morto não tinham que dizer nessa tarde...

Um esboço de idilio se desenhara havia semanas antes, no murmúrio manso das folhagens do jardim, em noite de luar.

Era todo um despertar saudavel da carne, e o velho Vizir como bom servo, espiava-o, radioso.

Mas hoje, o abatimento do Principe



Uma figura que resava num geneflexorio...

era indizível. Parecia que uma mortal angustia o separava do mundo.

Esse silencio, frio, gelado, tinha o ar dum grande funeral...

Vossa Alteza não está bem—hoje... murmurou a rapariga.

—Nada, linda flor do Sol...
—Vossa Alteza não vai á recepção desta noite a Sua Alteza o Principe de Galles—estão feitos milhares de convites... As «toilettes» devem ser de lumbrantes.

—Não vou.

—Vós tendes uma rica «toilette»...

—Sim, Real Senhor... Vossos Augustos irmãos, não vão tambem...

—Não sei. Eu sou o Principe doente. O Marajah que não pode reinar, não haveis lido os jornaes...

Possivelmente irá Sua Alteza o Marajah Herdeiro—O novo Marajah Herdeiro... com suas Magestades minha mãe Rajah e Marajah.

Eu faço as minhas orações á hora habitual e recoiherei cedo. Estimo que seja uma linda noite e que vós, senhora, vos diverteis...

A' noite e em cima, na grande sala verde que fôra Harem do ultimo Kalifa, realisava-se o grande banquete da corte. Na pequena mesquita particular, entre Arrás e panos persas, no seu pequeno coxim de veludo carmezim, á mesma hora o Marajah rezava.

Penumbra em volta.

Tudo deserto.

Apenas longe, na meia luz dum recanto, u na mancha negra, num geneflexorio, resando, a europeia...

Deposto, pela lei inflexivel da descendencia real, o Marajah herdeiro tinha que sofrer em silencio a tragedia terrivel de se ver substituido pelo filho segundo.

Que culpa lhe cabia de haver nascido doente? Que implacavel destino o fazia chegar aos 18 anos convencido de que ocuparia o trono de seu pai e fazia com que agora lhe dissessem, penalizados, entre sorrisos evocativos—que outro seria o herdeiro?

Na sua educação europeia o Marajah conhecera essa linda indiana. Era sonho delicioso. Um sonho apenas.

Mas, agora, que toda a fidelidade de subditos lhe fugia, essa figurita eterna não o abandonara, e nessa noite gloriosa da côrte vinha, ámo da europeia, resar e chorar a sua tragedia cristã...

O REPORTER MISTERIO

Ventoinhas

F. A. S. E.—Milano

A MELHOR
A MAIS ECONOMICA

Sociedade Samaral Limitada

RUA DE SANTA JUSTA, 82, 2.º

LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
Ilustrado

UMA NOVELA DE AVENTURAS
COMPLETA

O marinheiro que
desertou por amor

Historia verdadeira e comoven-
te duma aventura de amor que
tem apenas o bocão de fan-
tasia que é necessário ter.

NORBERTO LOPES

SOU um toque de clarim a bordo, um toque vibrante, apressado, que veio da ponte e que se repetiu longamente á pôpa e á meia nau. Era a «faina». Depressa! Depressa! Os marinheiros começaram a correr em varias direcções. Cada um ocupou o seu posto. Ninguém pôde ficar de braços cruzados a bordo, quando toca á faina.

Dali a pouco, a uma voz do comandante, ouviu-se o ruido característico da amarra a levantar a ancora. Gemeu a campainha do telégrafo, subiu a bandeira bi-color no topo da carangueja e o navio começou a mover-se lentamente, na direcção do Mediterraneo.

Port Saïd, com os seus bazares levantinos, os seus pequenos ilusionistas italianos—*gala! gala!*—os seus engraxadores impertinentes, os mil vendedores ambulantes de curiosidades, todo esse mundo cosmopolita e pegajoso que vive do passageiro que desembarca; Port Saïd, a cidade onde se falam todas as linguas do mundo e onde se refugiam todos os aventureiros do Levante, ia recuando lentamente no horizonte—até deixar ver apenas, por sobre a massa informe da casaria, a alta silhueta ponteguda do farol e um ou outro mastro de navio que se afastava na direcção do Canal

Feita a contagem da guarnição, verificou-se que faltava um marinheiro a bordo. Era o primeiro que desertava, depois duma longa viagem de circum-navegação do continente africano, em que se tinha desenrolado diante dos mossos olhos o mais belo *film* que a Natureza pode oferecer ao viajante que parte em busca de novas emoções.

A bordo, sabia-se já que o «sinaleiro» tinha ficado em terra. Havia mesmo quem o tivesse visto tomar, na vespera, o expresso do Cairo, na companhia duma linda egípcia de Alexandria, de grandes olhos sonhadores e de tez morena, como a de todas essas belas filhas do Levante que passeiam á tarde e sua indolencia nas grandes ruas cosmopolitas do Cairo.

Tendo desertado por amor, deixando partir sem ele o navio onde flutuava a bandeira da sua Patria distante, o sinaleiro 2836—o «28», como era conhecido a bordo—foi correr a sua linda aventura nas margens do Delta, á sombra das ruínas milenarias, ao lado duma mulher que não falava a sua lingua e que não professava a sua religião.

E enquanto a prôa do *Mondego* corava já o Mediterraneo azul, formando um angulo agudo de espuma, o expresso do Cairo corria a toda a velocidade á beira do Canal e desembarcava o nosso marinheiro na gare tumultuosa da cidade dos faraós, dando o braço, como um galã de opereta, á bela egípcia de olhos tristes—que lhe ia custar pelo menos um lindo conselho de guerra.

misadas durante a viagem, durou o amor. E para amar não era preciso entenderem-se. O amor é uma lingua universal. Eles amavam-se em silencio.

A lua de mel durou apenas oito dias. Mas durante esse tempo, não houve por certo em toda a terra amantes mais felizes.

De manhã, visitavam os bazares do



... Ao lado duma mulher que não falava a sua lingua e que não professava a sua religião

velho Cairo, onde a bela egípcia se fornecia de perfumes e de sedas, as sedas que desenhavam tão bem a sua carne morena e sobre as quais o jovem marinheiro corria com volupia os seus dedos grossos, habituados a cozer a lona dos toldos e a puxar a adriça dos sinais.

Durante o dia, quando o sol caía a prumo sobre o asfalto das grandes arterias que correm para o Nilo, refugiavam-se no seu quarto do hotel e entregavam-se os dois, com a mesma intensidade, ao ritmo sagrado do amor.

Depois do jantar, percorriam Charia-Bulak a pé e iam encostar-se poeticamente ao parapeto da ponte sobre o Nilo, vendo passar as grandes barcas carregadas de milho que desciam o rio.

Entravam na cidade á noite, á hora em que se iluminam os grandes hotéis e uma multidão elegante, de millionários americanos, de banqueiros gregos e de nobres italianos, toma sobre os terraços o costumado *vermouth*.

Eles sentavam-se á mesa de um *café* árabe, pediam cerveja—*bira birka*—e, depois de refrescar o estomago, tomavam um automovel para Heliópolis, onde *Luna Park* deslumbrava com uma iluminação de *féerie*.

Ai, pobre marinheiro enamorado! As

libras iam correndo pelos seus dedos como a agua do Nilo sob a ponte de Charia-Bulak e o fim da sua linda aventura estava proximo.

Lembrou-se então do seu navio, das longas conversas de bordo, á tarde, sobre o castelo da prôa, da ternura que havia de envolver os outros marinheiros á sua chegada a Lisboa, e um grande remorso apertou-lhe como um circulo de ferro o coração.

Quando recolheram ao hotel, o «sinaleiro» passou uma victoria completa á sua carteira de camurça comprada em Zanzibar e encontrou apenas uma nota branca de cinco libras.

A linda Zuleima compreendeu tudo. Baixou os olhos, num falso gesto de pudor, e chorou mesmo duas lagrimas, duas lagrimas que todas as mulheres têm ao canto do olho, para um caso de circumstancia.

Ele não amava, ele não podia amar essa mulher que não era da sua raça e que não falava a sua lingua.

A filha de Alexandria, morena e sensual, que aquele marinheiro, habituado ás rixas de Alcantara e ás baixas aventuras do Bairro Alto, tinha encontrado na sua longa rota, aquela egípcia linda, descendente dos escravos que tinham acarretado pedra para a grande pirâmide de Gizeh, exercia apenas sobre ele um dominio sensual, perturbava-lhe os sentidos, mas deixava-lhe a alma livre para amar uma mulher do seu país, a



E duas grandes lagrimas rolaram pela sua face de marinheiro...

quem ele pudesse chamar com orgulho a mãe dos seus filhos, a companheira fiel da sua vida.

De manhã, quando se voltou na cama, com os olhos sonolentos e a cabeça ainda pesada duma noite de amor, encontrou o lugar dela vazio. Zuleima tinha batido as azas. O noitibó de Alexandria abandonara o ninho.

O pobre marujo encontrou-se em pleno Cairo, sem amor e sem dinheiro. E veio-lhe uma saudade maior da sua Patria, do seu lar—onde uma velha mãe o aguardava—e até do serviço pesado de bordo, que agora lhe parecia mais leve do que uma pluma daquela andorinha que voava sobre o Nilo e que, chegada a Primavera, havia de emigrar talvez para alguma aldeia feliz do seu país distante.

Reunidos, depois duma busca minuciosa por todas as algibeiras, os últimos *shellings*, comprou um bilhete para Port Saïd e fez em sentido contrario a mesma rota que havia uma semana os seus olhos tinham percorrido, ao lado de outros olhos que lhe faziam ver o ceu mais azul e a vida mais doce.

Chorou pela sua bela aventura, mas chorou também pelo seu peculio de marinheiro, que tinha ficado todo nos bazares do Cairo em sedas e perfumes.

De tarde, quando desembarcou em Port-Saïd, os seus passos dirigiram-se instintivamente para o cais, donde esperava ver ainda, como um naufrago que se agarra a uma taboa de salvação, o navio que a essa hora navegava já em aguas portuguesas, á vista das povoações ribeirinhas, sossegadas e felizes, que dormiam ao sol.

E duas grandes lagrimas rolaram pela sua face de marinheiro, queimada pelo sol de todas as latitudes e pelo vento de todos os quadrantes.

Repatriado pelo consul português, desembarcou um dia em Lisboa, sob prisão.

Meses depois, reuniu-se o conselho de guerra para o julgar.

O defensor, um tenente moreno, sob cujas ordens o 28 serviu a bordo do *Mondego*, fez o elogio do sinaleiro como «funcionario», procurando atenuar de tal modo e com tanto espirito a sua falta, que através dos rostos graves de certos membros do júri passou um sorriso de benevolencia.

O presidente era um velho almirante do tempo da vela, que tinha corrido também pelo vasto mundo as suas aventuras de amor.

Qual era o marinheiro que tinha coração para o condenar?!

Desertara a bandeira da sua Patria, é certo, por uma mulher. Mas tendo reconhecido a sua falta, apresentou-se voluntariamente e jurou servir de novo a bandeira, com um amor diferente daquele que o tinha arrastado, num dia de sol propício a uma loucura da carne, para os braços roliços duma mulher de Alexandria.

O conselho de guerra absolveu-o.

NORBERTO LOPES

MOVEIS E ESTOFOS
Ao Confortavel

DE
NASCIMENTO PIEDADE

TELEFONE NORTE 3968

Rua da Palma, 109 a 115, 1.º

LISBOA

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

CRAS PALAVRUCRUCADAS

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA DE PEDRO DIAS, 15 4.º ESQ. LISBOA

QUADRO DE HONRA

MARIDO MULHER & FILHO, DESTERRADO 3824, N.º 2, ART ALVES, ANFELIO, N.º NO, BENEDICTO, SAID I, POFORONOFF, RENANDOP, PAUSANIAS, EDIPO IGNOTO, SPARTANUS.

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 117

HORIZONTAIS.—2 Ana, 6 aia, 8 ir, 10 lá, 12 mar, 13 ass, 14 armamar, 15 dôr, 16 má, 17 tricana, 18 ma, 19 vi, 20 mi, 21 Ana, 22 lar. VERTICAIS.—1 Anastacio, 2 ama, 3 ara, 4 ar, 5 Sá, 6 Adria, 7 armar, 8 irmana, 9 animal, 10 lá, 11 ir.

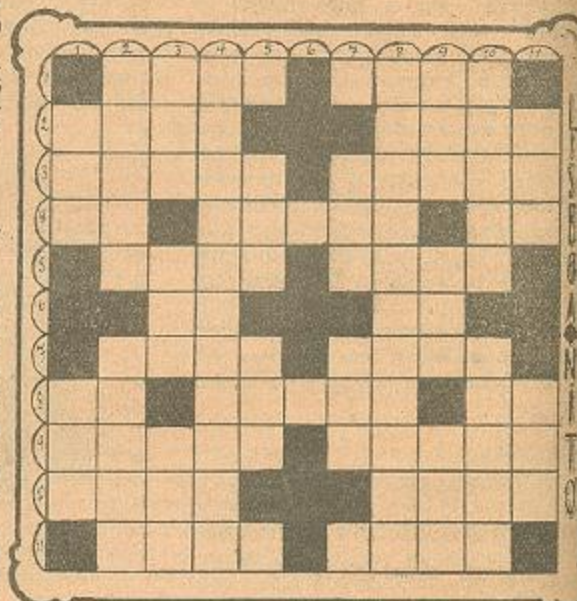
insignificancia. 10 demorar, corda com que puxam as bestas. 11 geito, ocasião.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso distinto colaborador «Nito».

HORIZONTAIS—1 gruta, caixa. 2 christão, gran, de quantidade. 3 brilhar. Discursais. 4 escarneo, demasiado, o. 5 mentira, elevar. 6 mais, outra coisa. 7 aves, governador de provincia entre os arabes. 8 clima, ignorancia, duas vogais. 9 borda, balizas. 10 ouda, nome (m.). 11 prudencia, ave.

VERTICAIS—1 fazer, ar. 2 planta, animais. 3 densa (inv.), igual, três letras de aplicar. 4 a lua cheia (pl.). 5 vogal, grande quantidade, retumba, vogal. 6 consoante, vogal. 7 consoante, amo (inv.), ligue (inv.), consoante. 8 inventario. 9 elogia, Alem, EDIPO IGNOTO.—Recebi muito obrigado



SECCÃO CHARADISTICA SOB A DIRECCÃO DE CARLOS RODRIGUES ORDIGUES (da T. E.) N.º 11 4.ª SERIE 15 MAIO 1927

Apuramento do n.º 6 (4.ª SÉRIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

Table with columns for name and votes. Includes EURISTO (7 votes) and others like JAMENOAL (2 votes).

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Table listing names and their scores in the Honra section, such as AFRICANO (da T. E.), AVIARDO, DITE, DROPE (da T. E.), HOPE, MAMEGO.

QUADRO DE MERITO

Table listing names and their scores in the Merito section, such as D. GALENO (da T. E.), ORDIGUES (18), BIXO KNHOTO (16), EURISTO (13).

ROS DECIFRADORES

FOFORONOFF, RENANDOP 9; DOIS PRINCIPIANTES 7; Visconde da Relva 1;

DECIFRAÇÕES

1—LUMINOSO, 2—quodora, 3—iscurnôisde, 4—po laca, 5—estopada, 6—alcarradas, 7—sobrepunção, 8—bate-orelha, 9—costado, 10—chicana, 11—corrichado, 12—cordara, 13—aloque, 14—lacaia, 15—rascodira, 16—agenciador, 17—andata, 18—ergotina, 19—acrosophia, 20—amadrinhado, 21—quinadas.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 11, de HOMEM SEM NOME, com 7 decifradores.

DEDICATORIAS

BIXO KNHOTO, DROPE, POFORONOFF, HOPE e VISCONDE DA RELVA, cumpriram o seu dever.

RECTIFICAÇÃO

Por lapso não foram gravados o conceito da charada n.º 3 e a primeira parte da n.º 6, que são respectivamente: canto e conservate.

CHARADAS EM VERSO

- (Ao «Dr. Fantasma», illustre director desta secção). 1 Subitamente o vasto ceu taldou-se; Uma rajada enorme, abaladora, -1 Tremea a terra, como se até fosse-1 Arremessada das alturas fóra! Pairava um ar sinistro sterrador, Por sobre o Mundo, As nuvens pardacentas, Entrecobrindo o Sol abrasador, Formavam manchas trágicas sangrentas! Na vaga claridade da tardinha Plava a estrige horrivel, agolreata, Anunciando um fim que se avizinha: A máxima deshonra, vil, cruenta! Tremiam as consciências dos vilões Vergadas p'lo remorso mais profundo; E no alto do Calvario, entre ladrões, Jesus morria, abençoando o Mundo! Lisboa UTS.

Vendi-as ao meu vizinho Por alcunha o «Endireita». Não foi por dinheiro forte—2 Visto o cambio estar tão fraco. Tinha que ser esta a sorte: -Troca las por um macaco!

E fiz um belo negocio Sem calculo aritmético pois que o vizinho é um beocio E alem disso... um patético. Dafundo D. SIMPATICO (T. E.)

LOGOGRIFO A minha alma pertence te, sou crente 1-7-2-9 Este meu coração não atalçô! Se faltas cometi, Senhor, peccôa, Eu quero amar-me a ti eternamente! 1-1-8-4-11-0 Inspiras a bondade e amor á gente-1-8-10-2-12 Com a tua doutrina santa e bôa, E a tua voz, ó Christo, ainda acôa, Gulando o «proximo» neste orbe ingente! 1-6-5-9-3-11

E' tão grande a tua obra neste mundo De maravilhas pleno, grandioso -Que segeço insondavel e profundo! -Tal beleza nos dêste p'ra posar Que te prometo ser religioso E a tua imagem sempre recordar!

Lisboa EURISTO

CHARADAS EM FRASE (Ao «Homem sem Nome», audaciosamente). 4 Porque maltrata você as arvores se tem um extenso trato de terreno cultivado com uma «pequena arvore espinhosa, de raiz medicinal?»-2-2 Ermezinde POFORONOFF (Ao ouvido do «Visconde X...») 5 Eu não sou de crendos, mas ouvi dizer que o confrade aspira a conseguir no charadismo um lugar onde se destaque, e que para isso já tem formado plano infalivel.-2-1 Lisboa BIXO KNHOTO (Agradecendo a «Bixo Knhoto» a sua «Injeção»).

6 O sr «Bixo» dá mau sentido a tudo o que seja em meu abono, e por isso escreveu: «corado de validade... Para onde ele se virou, o maticeiro...»-3-1 Lisboa VISCONDE DA RELVA 7 Tornel menos intenso o meu alan charadístico' porque, bem a meu pesar, já tinha emagrecido bastante.-3-1 Lisboa DITE

8 A minha vontade não era fazer-lhe um motejo indolento, mas sim atrair-lhe com uma rôlha de cortiça-1-1 Lisboa ART ALVES 9 Sem delonga consegui o modo de me tornar uma mulher alta e magra... A' moda!...-2-2 Lisboa GABI

10 Quem leva de vencido numa discussão, onde quer que seja, dá a impressão de ter quebrado a cara a alguém.-4-1 Lisboa SATURNO 11 Contra a maldade e o crime se revolta o espirito integro do honesto-artifice-2-1 Lisboa SPARTANUS

12 E' embriante com a mania de andar sempre sem gravata.-1-2 Lisboa AVIARDO 13 E' «pena» a má reputação da «multidão».-2-2 Lisboa CALTAR

14 Atiraram-me tantas balas, com este aparelho, que me causou uma impressão penosa; mas ignora quem fosse o atirador de tão estúpida idea.-2-1 Lisboa MINDOGOS 15 Fígado de porco assado e um prato de caldo, foi o que me deu de jantar esse individuo trapaceiro.-2-2 Lisboa FRANGERQUE

Lisboa CORREIO VERGILOTIAS—Recebi e agradeço. Sairá brevemente. Creio que terá continuação.

COOPERATIVA DOS ESTOFADORES E DECORADORES

Preziada na Exposição do Rio de Janeiro em 1908 com a medalha de prata Sociedade de Responsabilidade Limitada ENCARRGA-SE DE TODOS OS TRABALHOS EM ESTOFO, TANTO EM NOVO COMO REPARAÇÕES E BEM ASSIM PINTURAS E ENCERAMENTOS DE CASAS ARMAÇÕES, TAPETES, OLEADOS, MOBILIAS POLIDAS, MOVEIS DE FANTASIA, PAPEIS PINTADOS, E PREÇOS MODICOS 31, Calçada da Estrela, 33 LISBOA Telefone T. 39

FUNERAES TELEF. 1094 N. DOS MAIS SIMPLES AOS MAIS LUXUOSOS MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO TRASLADAÇÕES PARA TODOS OS CEMITERIOS, PROVINCIA, ETC. URNAS, ARMAÇÕES, COROAS, ETC. PREÇOS REDUZIDOS SERVIÇO PERMANENTE 131. R. DOS ANJOS. 133 RESIDENCIA: RUA DOS ANJOS, 139. 2.º E LISBOA

VARIA



O "tennis" desporto de príncipes

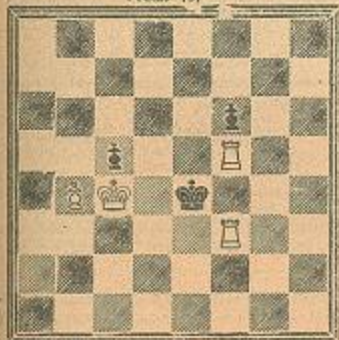


A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

N.º 122—PROBLEMA

Par H. D'O Bernard

Pretas (3)



Branças (4)

Mate em tres lances.

Solução do problema n.º 121

(Carpenter)

1 T h 3—h 1

Resolveram o n.º 120 os srs. Nunes Cardoso e Mallos Jordão.
CAMPEONATO DO MUNDO.—O match entre Capablanca e Alekhine deve começar no dia 1 de setembro em Buenos Ayres.

CORRESPONDENCIA:
B. D. Ayalla: tenho empregado ultimamente nesta secção a notação algebrica porque a considero preferível; as senhoras saluacionistas, porem, podem empregar, se a preferirem, a notação descriptiva.
Encontrará a descripção da algebrica no livro de Deleite que cita na página 127, ou no ultimo domingo, 8 Maio, da secção de xadrez do jornal "A Voz".

O «tennis» é, sem sombra de dúvida, do desporto preferido pelos aristocratas, pelos príncipes, pelos reis.
Há qualquer cousa de desdenhoso, de despreciosamente elegante no arremessar da bolinha certa, que se harmoniza bem com a natural elegancia dos reis mais democratizados. E, depois, a bolinha leve, a bolinha que saltita, fácil, futil, irresponsável, oferece um tal contraste com as preocupações gravissimas dos

é um amator entusiasta dos grandes «azes» do «tennis», um dos quais é a sua graciosa súbdita Lili Alvarez que, talvez, num futuro não muito remoto, venha a assustar a própria Lenglen. A consideração de Afonso XIII pelos maiores artistas da «raquette» é tal que, em 1923, durante o grande torneio em que Suzana Lenglen, frente a frente com o campeão espanhol Flacquer, esteve prestes a desmaiar, não hesitou em se precipitar, com um copo de «brandy» na mão, em socorro da insigne «raquetista», oferecendo-lhe, depois, o seu automovel para a ir pôr no hotel, e insistindo por que se adiasse o desafio.

O Senhor D. Manuel de Bagança, que foi rei de Portugal, é o príncipe que joga melhor o «tennis», na opinião de Suzana Lenglen, cujos conhecimentos no assunto estão por demais comprovados e que frequêntes vezes tem jogado com êle.

Humberto, príncipe do Piemonte, herdeiro do trono de Itália, é também um apaixonado



O rei Gustavo V da Suécia e Lili Alvarez, que jogaram no recente torneio de «tennis», em Cannes



Suzana Lenglen, a melhor «raquette» do mundo, que recentemente se fez profissional do «tennis», ganhando uma fortuna na America.

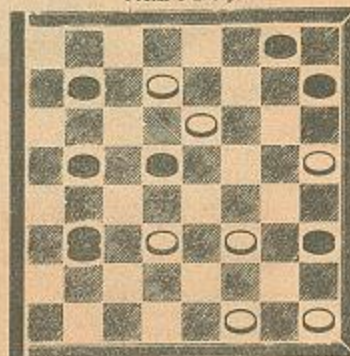
do «tennis» e há poucos anos foi de propósito a Lido, para ver jogar Suzana Lenglen, com quem travou conhecimento, convidando-a algumas vezes a tomar chá, depois dos desafios, e tendo a ambição de mandar fazer um modelar «court» no palácio de Roma, digno de nele jogar o campeão mundial.

Gustavo V, rei da Suécia, é também, apesar da sua idade bastante avançada, um emérito jogador de «tennis», assim como um grande caçador, sendo célebre as suas caçadas aos alces (animais semelhantes aos veados), em que tomam sempre parte alguns dos melhores atiradores europeus.

O «tennis» é, numa palavra, o iogo da nobreza e da elegancia. Ao mesmo tempo, é o desporto de maior alcance... politico. A prova disso deu-a, recentemente, a grande Lenglen, atirando numa bolinha de «tennis», e com um só impulso, uma mensagem que foi apanhada no ar pela mão dum aviador, e que era uma saudação da França ao Presidente dos Estados Unidos da America do Norte...

PROBLEMA N.º 121

Pretas 1 D 6 p.



Branças 7 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 120

	Branças	Pretas
1	10-15	24-10
2	16-20	2-16
3	20-24	28-13-4
4	17-31	10-17
5	31-20-2-13-22-20	

Resolveram o problema n.º 119 os srs.: Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes (Bemfica), Francisco Bastos, José Brandão (Infantas), Marlo Domingos Pereira, Victor dos Santos Fonseca.
Toda a correspondência relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do jogo de Damas. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

PERFUMARIA ELITE

A casa que maior numero de especialidades vende a peso

SECÇÃO DE CABELEIREIRO PARA SENHORAS

Depósito do Pó d'arroz Gabriela

LARGO DO CALHARIZ, 18—TELEF. 148 T



Aparelhos fotograficos, chapas, películas, papeis e accessorios, dos melhores fabricantes.

Especialidade em trabalhos para amadores.

Reportagens em todos os generos e em qualquer ponto do paiz. Pessoal habilitado em reportagem desportiva e actualidades.

Artigos para todos os Sports Jogos diversos

CASA SENNA
48, RUA NOVA DO ALMADA, 52
Telefone C. 1231

Perfumaria Ideal

Productos de beizeza dos melhores especialistas. Perfumes a peso.

CABELEIREIRO DE SENHORAS E CRIANÇAS

113, RUA RETROZEIROS, 113

Canetas com tinta

O que ha de melhor

CONCERTAM-SE CANETAS

DE TODAS AS MARCAS

PAPELARIA DA MODA

167, RUA DO OURO, 173

LISBOA

GAZ E ELECTRICIDADE

LUSTRES E CANDIEIROS, CHEGARAM LINDOS MODELOS

Banheiras de ferro esmaltado — Instalações electricas, campainhas e telefones. LE TORRIDE; o melhor esquentador automatico para banho (Depositarios). Instalações completas de casas de banho — LOUÇAS SANITARIAS.

BICO NACIONAL AUREO, L.ª

(Não confundir com o Bico Auer)

R. 1.º DE DEZEMBRO, AO ROSSIO, 33, 35 e 37—Telefone: Norte 3047

Antiquidades

A' venda e em exposição no BRIC-A-BRAC ESTRELA.—Calçada da Estrela, 3 (esquina da Rua Miguel Lupi).

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

actualidades graficas

A GRANDE TRAGEDIA DE FRANÇA



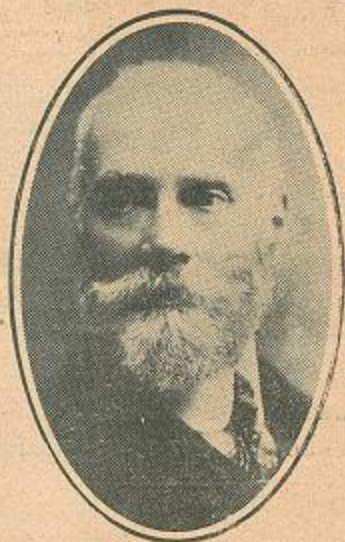
Coli e Nungesser no momento da partida para o grande raid Paris-New York, viagem de sonho, feita sobre o oceano, num aeroplano de terra.
No oval, Nungesser na carlinga e á esquerda, o simbolo tragico dos viajantes.

VIAJANTES ILUSTRES



O director do «Domingo Ilustrado» no Brasil, Sr. Alcantara Carreira, no momento da sua partida para o Rio.

LIVROS NOVOS



O eminente escritor espanhol Palacio Valdes, cujo romance «Los majos de Cadiz» acaba de ser traduzido em português pelo nosso illustre collaborador dr. Tomaz Ribeiro Colaço. A edição é da Livraria Civilização, do Porto.

A PRATA ARTISTICA



Um sumptuoso serviço da ourivesaria e joalheria J. M. Pedro Fraga, Rua da Palma 82, uma das casas mais acreditadas de Lisboa.

AS LETRAS



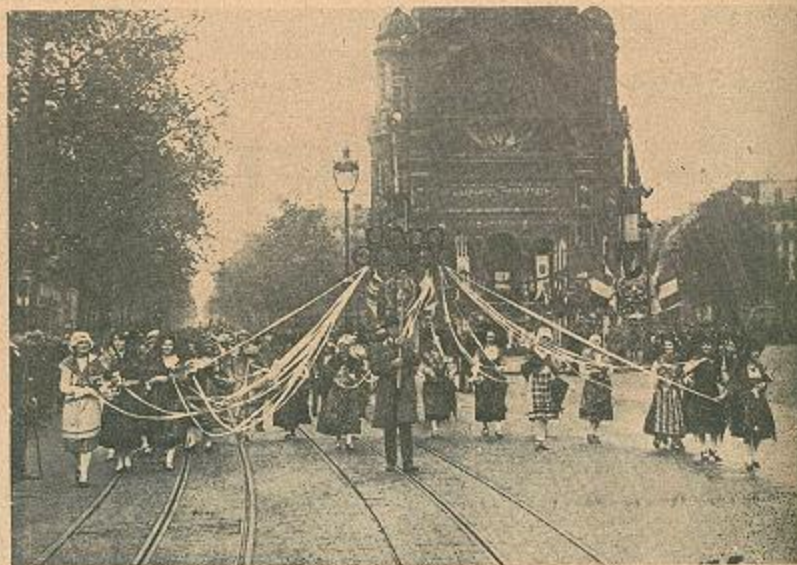
Antonio de Certima, notavel publicista—um dos mais nobres temperamentos da moderna geração—que acaba de lançar com grande exito um volume: «A alma encantadora do Chiado».

EM GENÈVE



A abertura da grande conferencia internacional da paz.

EM FRANÇA



As grandes festas de Joana d'Arch, na Alsacia e Lorena.

PUBLICIDADE

CASE O MELHOR, MAIS SOLIDO E ECONOMICO
TRACTOR DE RODAS



Ad Electro P. D. 218—Also furnished in 3 columns

As mais altas recompensas em todos os concursos em que tem entrado. CHARRUAS GRAND-DETOUR, 2, 3, 4 e 5 ferros ou discos para todas as applicações. Estes tractores podem adicionar debulhadoras respectivamente de 1m,07—1m,22—1m,37. TRACTORES E CHARRUAS PARA ENTREGA IMEDIATA. Em exposiçào modelos 12x20 e 18x32 HP, com as correspondentes charruas. Representante para Portugal:

DUARTE FERREIRA & FILHOS

(Engenheiros) TRAMAGAL

Filial em Lisboa: AVENIDA PRESIDENTE WILSON, 17 a 25

FOGÕES ECONOMICOS!!

350\$



ASSA
GRELHA
COZE
FERVE
E NÃO
SUJA

SEM FUMO
SEM CHEIRO
SEM CINZAS

EM 12 PRESTAÇÕES MENSUAES

CADDO GAZ VER AS NOSSAS MONTRAS
RUADA BOA VISTA 35

AUTOMOBILISTA LIMITADA

160, RUA ALVES CORREIA—LISBOA

Sempre o maior sortimsnto de accessorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

Ed. telegráfico: AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte



**STORES
GELOSIAS**

Os mais perfeitos e mais baratos.
Unicos que resistem ao sol e á chuva.
Encomendas rapidas na

RUA MARIA ANDRADE, 11

LISBOA

AUTOMOVEIS

Torpedo 5 lugares
Dollares 1.000 sem mais
despesas



CAMIONETES

6 cilindros, 4 velocidades
Diferencial duplo
A melhor para o nosso paiz

Agentes gerais no Sul: **J. J. Gonçalves, Suc.ª**

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 90

LISBOA

TELEFONE C. 641



COLOCAÇÕES
E reparações de campainhas electricas,
telephones e pára-raios

LUZ ELECTRICA
Deposito de todos os aparelhos
da sua especialidade

Preços sem competencia

Descontos aos revendedores

13, RUA SERPA PINTO, 15

LISBOA

**Casa Palissy
Galvani**

Guilherme F. Simões

LIMITADA



Gillette
as suas barbas

Milhões de machucados GILLETTE barbeiam diariamente sem mais. Com uma GILLETTE raspa-se sem momento e barba mais dura, ficando a rosto lizo como um bebê.

**Espartilhos
e Cintas**

Marca «POMPADOUR»
Os melhores, mais resistentes e
mais elegantes.

CINTAS MEDICINAIS
para todos os padecimentos
abdominaes



A POMPADOUR

28, Chiado, 30

Telef. C. 210

Gramofones e Discos

PIANOS—MUSICA
INSTRUMENTOS E ACCESORIOS
OFICINA DE PIANOS
E AFINAÇÕES
CASA GOUVEIA MACHADO
RUA ALVES CORREIA, 152

**Os insectos das
arvores**

Falta eficazmente que as arvores sofram os enormes
prejuizos que causam todos os insectos, usando-se o
creditado, imo produto americano:

Cola «TANGLEFOOT»

A venda na DR. GARCIA CEZAL

De ALBINO GARCIA 12, Rua do Comercio, 14

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior fragmentação de todos os semanários portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS
 CONTINENTE E HESPAHIA
 ANO - 48 ESCUDOS -
 SEMESTRE - 24 ESC. -
 TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
 COLONIAS
 ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x20
 ESTRANGEIRO
 ANO, 64x64 - SEMESTRE, 32x32

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



A ACTUALIDADE TEATRAL

O sucesso

do

Teatro Politeama

Nascimento

Fernandes

no

Turco do Kalhariz

Uma scena da desopilante opereta sem musica o «Turco do Kalhariz», que o incomparavel actor comico Nascimento Fernandes criou, ao lado de Rafael Marques, Conchita Ulla, Tereza Gomes, Alvaro de Almeida, etc.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING